

## GT71: Retomadas e autodemarcações de terras indígenas: processos de luta, memória e ritual

Jurema Machado, Daniela Alarcon

Na acepção guarani kaiowá, jeike jey significa entrar, ocupar, enfrentar, afrontar; trata-se da designação utilizada por esse povo para classificar seus processos de recuperação territorial (Benites, 2014). Assim como os Guarani Kaiowá, indígenas de todo o país têm levado a cabo intrincadas estratégias de luta pela terra. A proposta deste GT é reunir trabalhos que discutam retomadas de terras e autodemarcações como ações de enfrentamento ao esbulho. A partir de nossas pesquisas e de trabalhos de outros antropólogos, observamos como esses processos se revestem de complexidades que ultrapassam análises instrumentais, que veem na ocupação do território o fim último. As mobilizações para recuperação territorial engendram o retorno de pessoas e encantados, articulações entre famílias extensas, complexos rituais, reavivamento de memórias e novos arranjos na organização social. A maneira como os povos têm refletido sobre seus processos históricos e cosmológicos também está pautada na luta pela terra. Assim, delinea-se um novo desafio para a antropologia: como pensar a conceituação desses processos sem deixar de considerar as particularidades de cada contexto? Acreditamos que a boa descrição etnográfica é o caminho mais potente para a não homogeneização e, por isso, priorizaremos trabalhos pautados em etnografia.

### **A Retomada Xokó: Território E Renascimento Cultural De Um Povo**

**Autoria:** Ianara Apolonio Rosa Lima

RESUMO A presente proposta de pesquisa trata-se de uma análise dos processos de retomada territorial e de renascimento cultural entre os Xokó de Sergipe. Localizados no município de Porto da Folha (SE), os índios Xokó possuem uma população de aproximadamente 333 pessoas, de acordo com censo publicado pelo IBGE em 2010. O território indígena é composto por duas áreas: a ilha de São Pedro (96,75 ha), onde reside a maioria dos Xokó, e a Caiçara (4.316,7768 ha), parte continental anexada posteriormente à Terra Indígena, onde ficam as roças e onde se realiza o ritual sagrado do Ouricuri. O projeto de pesquisa proposto tem como objetivo apresentar as retomadas da Caiçara e ilha de São Pedro, realizadas entre as décadas de 1970 e 1980, como parte fundamental do processo contemporâneo de renascimento cultural dos índios Xokó, implicando em retomadas da língua, de costumes, hábitos e de elementos da organização social. Partindo dessa prerrogativa, analisaremos o contexto histórico em que se deram as primeiras retomadas e como elas influenciaram a vida dos índios Xokó de Sergipe. Desse modo, buscaremos através da pesquisa de campo identificar esses momentos tão marcantes na vida desse povo. De início abordaremos a retomada territorial como sendo um fator que marcou a vida dos Xokó e determinou o futuro dos "caboclos da Caiçara", que a partir de então se identificariam como índios. A reflexão proposta acerca das retomadas dos índios Xokó, justifica-se pela importância e impacto que tal fenômeno tem sobre a vida social desse povo, mas também pelo interesse, em parte pessoal, em conhecer os processos de reconquista da terra e também da cultura dos índios Xokó. Os índios Xokó de Sergipe traçam sua história por meio de longos processos de idas e vindas dentro de seu território. Oscilando entre o índio e o mestiço, a mestiçagem fora uma forma de justificar a expropriação dos territórios por parte da elite agrária. Os processos de retomada Xokó marcam o recobrar de sua consciência e o despertar de sua essência. À medida que se reconhecem como índios, os Xokó tomam para si uma luta de seus antepassados e levantam uma questão morta no estado de Sergipe: a invisibilização dos "índios remanescentes" que, não tendo sucumbido como coletivos específicos permaneceram como caboclos em seus antigos territórios, agora expropriados, mantendo o forte desejo de retornarem às suas

origens indígenas. Esta pesquisa será desenvolvida na comunidade indígena Xokó, localizada no município de porto da folha/SE, em uma faixa de terra que fora a antiga Missão de São Pedro de Porto da Folha, missão essa liderada pelos capuchinhos e situada à margem direita do baixo Rio São Francisco.

[Trabalho completo](#)

### 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

#### Realização:



#### Apoio:



#### Organização:

